

» UM CANTO QUE TRARÁ DE VOLTA OS FLAMINGOS

Profª. Rosemary G. Afonso
UNIGRANRIO- PG/ UFRJ

Durante uma entrevista concedida ao Círculo de Leitores^[1] Mia Couto confessa que, embora sem a intenção de instaurar um fim ou um princípio, teve a sensação de ter fechado um ciclo, uma trilogia que começou com *Terra Sonâmbula*, prosseguiu com *Varanda de Frangipani* e se completa com *O Último Vôo do Flamingo*, romance que inspirou a presente comunicação.

Revelando a autenticidade do universo africano, e também a ameaça que a interferência externa pode representar para as culturas locais, o autor deixa transparecer, nos três romances, a esperança de que os moçambicanos sejam capazes de preservar os aspectos culturais indispensáveis para assegurar sua própria identidade.

O Último Vôo do Flamingo é dividido em vinte e um capítulos, todos intitulados e introduzidos por máximas e provérbios que refletem a sabedoria popular. A estória se passa nos primeiros anos do pós-guerra, numa vila imaginária de nome Tizangara, metonímia de Moçambique, onde um acontecimento insólito desperta a atenção de autoridades internacionais: sem qualquer explicação racional, os soldados das nações unidas em missão de paz no local simplesmente explodem, sem vestígios de sangue, restando de seus corpos apenas o pênis decepado.

A investigação exigida pelos dirigentes da ONU para esclarecer o ocorrido leva ao local o italiano Massimo Risi. Recebido com muita desconfiança pela maioria dos moradores e com alguma simpatia por outros, o estrangeiro está sempre acompanhado de um tizangarense, nomeado seu tradutor, que é também o narrador do romance.

Escandalizado com a precariedade da pensão local, atraído por uma enigmática jovem com corpo de velha, assustado com a possibilidade de vivos e mortos partilharem o mesmo espaço, confuso com as lendas que se misturam à realidade, insatisfeito com a explicação de que as explosões dos soldados seriam causadas por feitiço, enfim, incapaz de compreender a cultura local, Massimo confessa ao tradutor: “-Eu posso falar e entender. Problema não é a língua. O que eu não entendo é este mundo daqui” (COUTO, 2001: 38).

O desabafo do italiano nos faz lembrar que a disponibilidade para compreender o outro não garante que isso seja possível ou menos penoso. Como observa Franz Fanon no seu texto *Pele Negra, Máscaras Brancas*: “Falar, é ao mesmo tempo empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia desta ou daquela língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 1983: 48).

Naquela comunidade, os saberes da cidade não têm qualquer serventia e Massimo precisa reaprender a olhar, a sentir, a ouvir... até mesmo a andar, como lhe ensina a misteriosa Temporina, ao dizer: “saber pisar neste chão é assunto de vida ou morte” (COUTO, 2001: 65). No duplo sentido que a frase sugere, Temporina alerta para os riscos envolvidos na investigação e também para o perigo de pisar, literalmente, numa das minas semeadas no solo moçambicano durante o período das guerras.

No romance, a dificuldade de comunicação é mais um indício daquilo que se pretende pôr em foco: a ameaça de assimilação cultural sofrida pelos países africanos. Essa proposta torna-se explícita quando, num dado momento, de forma “fantástica”, é o país inteiro que desaparece, dando lugar a um imenso abismo.

Uma afirmação do ensaísta Silvano Peloso sintetiza a inquietação que a narrativa desperta; segundo ele: preservar uma diversificação cultural e, ao mesmo tempo, defender as várias identidades nacionais e culturais é o verdadeiro desafio da sociedade multicultural (PELOSO, 1995: 167). Isto porque, como lembra Boaventura de Sousa Santos “as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação”(SANTOS, 1993: 11). Ou ainda, citando Stuart Hall: “as culturas nacionais produzem sentidos com os quais podemos nos identificar e assim constroem *identidades*” (HALL, 2002: 51). Ou seja, as identidades estão sujeitas a transformações mediante os novos sentidos que se apresentam no decorrer do tempo; porém, se esses sentidos não resultam de processos espontâneos, se não povoam o imaginário dos indivíduos de uma comunidade, não existe identificação, mas sim estranhamento. É o que se percebe, no romance, através da atitude da mulher do administrador da vila, que como relata o tradutor: “Falava ajeitando o turbante e sacudindo as longas túnicas. Ermelinda clamava que eram vestes típicas de África. Mas nós éramos africanos, de carne e alma, e jamais havíamos visto tais indumentárias” (COUTO, 2001: 17).

O choque que pode advir do encontro de culturas muito diferentes não é necessariamente devastador, muito pelo contrário. Como lembra Silvano Peloso, recuperando uma reflexão otimista de Umberto Eco, “os diversos povos do mundo, por estarem mais próximos, estão verdadeiramente em estágio de compreender a própria diversidade recíproca” (PELOSO, 1995: 167); em contrapartida, como o próprio ensaísta afirma: “à multiplicidade dos contatos e das relações entre etnias, civilizações e culturas diversas, corresponde uma perda do potencial inovador ocasionada pela diversidade e por um nivelamento de situações culturais muito diferentes” (PELOSO, 1995: 166). Esse processo é previsível, de acordo com o que já mencionamos até agora, e confirma a dinâmica sugerida pela nossa epígrafe. No entanto, o que acontece no chamado “mundo globalizado” - e voltamos a Stuart Hall -, é que “as modalidades de poder que permeiam a construção das identidades faz delas mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente construída” (HALL, 2005: 109). Negociar as diferenças é o árduo caminho para ultrapassar o desafio mencionado.

A preocupação de Mia Couto em recuperar as tradições do passado não o impede de lançar um olhar politizado sobre o momento presente. A narrativa é também um veículo de denúncia do abuso de poder exercido pelos novos governantes, agora africanos, preocupados exclusivamente em satisfazer os seus interesses individuais. Num artigo onde analisa *O último vôo do flamingo* como narrativa policial, a professora Carmen Tindó revela o crime apontado pelo autor:

a imensa destruição das tradições de Moçambique por alguns dos próprios governantes moçambicanos que, após a Independência, terminaram por abrir mão dos princípios éticos e ideológicos dos tempos revolucionários, ingressando no neoliberalismo econômico e vendendo o país ao estrangeiro. (SECCO, 2003: 132)

Flagrado em atos pouco lícitos, o administrador Jonas ri da notícia no jornal da capital que o acusa, e rebate: “ele não abusava; os outros é que não detinham poderes nenhuns” (COUTO, 2001: 15). O antigo guerrilheiro que despertou a admiração do povo se rende a outros valores, se deixa corromper, e mostra que o opressor nem sempre vem de fora, ele pode ser um de nós. Na vila, há agora tanta injustiça quanto no tempo colonial. A exploração exercida pelos filhos da terra destrói as utopias revolucionárias e confunde a população que, segundo o tradutor, não tinha entendido a guerra e agora não conseguia entender a paz.

Mais do que escandaloso, o desvio de verbas e equipamentos alcança níveis desumanos, uma vez que a estratégia para garantir ajuda financeira externa põe em risco a vida da população. Além das explosões que eliminavam os soldados, outras explosões aconteciam nos arredores da vila, como a que matou o irmão de Temporina. O rapaz pisou uma das minas que restaram do período de guerra e que já deveria ter sido localizada pelo projeto de desminagem. A moça alertou o italiano para esse perigo, mas não conseguiu evitar que o irmão fosse mais uma das vítimas. Como explica o narrador, “Passava-se,

afinal, o seguinte: parte das minas que se retiravam regressava, depois, ao mesmo chão. Em Tizangara tudo se misturava: a guerra dos negócios e os negócios da guerra” (COUTO, 2001: 181).

Os espíritos ancestrais, que segundo a crença africana têm o poder de voltar ao mundo dos vivos para punir, advertir ou aconselhar, não se mostram satisfeitos com os acontecimentos; como lembra Sulpício, pai do tradutor: “os nossos antepassados nos olham como filhos estranhos. E quando nos olham já não nos reconhecem” (COUTO, 2001: 194). A harmonia entre o mundo dos vivos e dos mortos é uma característica da cultura africana. Ao rejeitar esse aspecto o administrador se afasta ideologicamente do seu próprio povo, que o condena: “O povo fala sem nenhuma licença, zunzundo sobre as explosões. E dizem que a terra está para arder, por causa e culpa dos governantes que não respeitam as tradições, não cerimoniam os antepassados” (COUTO, 2001: 91). A intenção do autor não é atribuir culpas, tanto que a investigação empreendida por Massimo Risi não se conclui, mas tentar modificar a atitude negligente das autoridades em relação ao próprio país e ao seu povo.

No texto *Entre Próspero e Caliban*, Boaventura de Sousa Santos afirma que “a identidade pós-colonial, ao romper com a distinção clara entre a identidade do colonizador e a identidade do colonizado, tem de ser construída nas margens das representações e através de um movimento que vai das margens para o centro” (SANTOS, 2001: 33). A recuperação, na literatura, de lendas e histórias populares, e a ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade são elementos selecionados por Stuart Hall como aspectos da narrativa da cultura nacional (HALL, 2002: 52-3). Mia Couto utiliza esses recursos, exercendo esse movimento a partir das margens, e constrói uma narrativa plena de sentidos para os moçambicanos, contribuindo, conseqüentemente, na construção da narrativa da cultura moçambicana, e com o seu sonho pessoal de que a mesma seja respeitada.

Os “gafanhotos” ou “capacetes azuis”, como eram chamados os soldados da ONU, chegavam com arrogância, possuíam as mulheres com pressa; metaforicamente, representam o desrespeito do estrangeiro pelas culturas locais. Simbolicamente, “o falo é símbolo do poder gerador, fonte e canal do sêmem, enquanto princípio ativo (...) sua função é a de equilibrar o mundo” (CHEVALIER, 2005: 418). No romance, a presença isolada do órgão reforça a imposição da impotência ao antigo possuidor, sua virilidade é mutilada.

O autor não defende, porém, o isolamento. Conversando com o italiano, a prostituta Ana Deusqueira comenta: “Lá de onde o senhor vem também há os bons. E isso me basta para eu ter esperança” (COUTO, 2001: 169). Sem repúdio ou xenofobia, mas com cautela, é como o que vem de fora deve ser recebido. A desconfiança demonstrada por alguns personagens reside na certeza de que “A aposta dos poderosos – os de fora e os de dentro – era uma só: provar que só colonizados podíamos ser governados” (COUTO, 2001: 176). No episódio da ameaça de explosão da barragem o velho Sulpício e o feiticeiro Zeca Andorinho se ocupam da situação e afirmam categoricamente: “-Chega de pedirmos aos outros para resolver[sic] os nossos problemas” (COUTO, 2001: 184).

A função atribuída aos flamingos explica a importância simbólica que o autor lhes atribui: eles mostram caminhos. “Os pescadores chamam-lhe os ‘salva-vidas’. No meio da noite, em plena tempestade, quando se perde a noção da terra é a presença e a voz dos flamingos que orienta[sic] os pescadores perdidos” (COUTO, 2001: 124). O tradutor nos conta ainda a seguinte lenda:

Em fins de tarde, os flamingos cruzavam o céu. Minha mãe ficava calada, contemplando o voo. Enquanto não se extinguíssem os longos pássaros ela não pronunciava palavra. Nem eu me podia mexer. Tudo, nesse momento, era sagrado. Já no desfalecer da luz minha mãe entoava, quase em surdina, uma canção que ela tirara de seu invento. Para ela, os flamingos

eram eles que empurravam o Sol para que o dia chegasse do outro lado do mundo. E ela explicava: Esse canto é para eles voltarem, amanhã mais outra vez. (COUTO, 2001: 45)

Numa noite quente, o tradutor, seu pai e o italiano dormem na margem do rio e quando acordam estão à beira de um imenso abismo, o país inteiro desaparecera. Massimo não pode acreditar e não aceita o convite de Sulpício para acompanhá-lo numa canoa que paira sobre o nada. O velho pede ao filho que fique, que seja ele e não os de fora a contar aos outros o que aconteceu com o seu mundo. Como representante de uma cultura que se perde, também ele desaparece, incapaz de se sujeitar a novos sentidos com os quais não se identifica. O tradutor compreende e, placidamente, aguarda:

Face à neblina, nessa espera, me perguntei se a viagem em que tinha embarcado meu pai não teria sido o último vôo do flamingo. Ainda assim, me deixei quieto, sentado. Na espera de um outro tempo. Até que escutei a canção de minha mãe, essa que ela entoava para que os flamingos empurrassem o Sol do outro lado do mundo.(COUTO, 2001: 205-6)

Ouvir a canção é a certeza de que os flamingos voltarão e, portanto, nem tudo está perdido. O texto é o canto que revela a esperança do autor na recuperação do país, no seu salto qualitativo, na sua capacidade de manter um equilíbrio entre os novos processos de identificação inerentes do contato com outras culturas e os aspectos culturais que garantem a identidade moçambicana.

Resgatando esses aspectos, Mia Couto valoriza as diferenças e defende o respeito pelas mesmas; uma vez que, de outra maneira, sem aceitá-las com naturalidade, os homens nunca conseguirão se relacionar como iguais.

BIBLIOGRAFIA

CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. 19ed. RJ: José Olympio, 2005.

COUTO, Mia. *O último vôo do flamingo*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001.

----- "Sou um poeta que conta estórias". Entrevista concedida ao Círculo de Leitores. Disponível online: www.circuloleitores.pt

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. RJ: Fator, 1983.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2002.

----- "Quem precisa da Identidade". In: *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. 4ed. Org. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005. p.103-133.

PELOSO, Silvano. Identidade nacional e sociedade multicultural. Texto apresentado na mesa-redonda "Globalização, Identidades Nacionais e Culturas", no "Encontro de Cultura Brasileira", realizado em Brasília de 5 a 11 de novembro de 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. "Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade". In: *Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos de identidade*. Orgs. Maria Irene Ramalho e António de Sousa Ribeiro. Porto: Edições Afrontamento, 2001. p. 23-85.

-----. "Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira". Revista Crítica de Ciências Sociais, nº38. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Dezembro 1993, p.11-39.

SECCO. Carmen Lucia Tindó Ribeiro. "Entre crimes, detetives e mistérios... (Pepetela e Mia Couto – riso, melancolia e o desvendamento da História pela Ficção)". In: *A magia das letras africanas*. RJ: Graphi, 2003, p. 124-135.

[1] COUTO, Mia. "Sou um poeta que conta estórias". Entrevista concedida ao Círculo de Leitores. Disponível online: www.circuloleitores.pt

